

NA POESIA E NA DOENÇA...

<http://dx.doi.org/10.11606/issn.2175-3180.v13i26p175-177>

Dora Nunes Gago¹

“A doença é o lado sombrio da vida, uma espécie de cidadania mais onerosa. Todas as pessoas vivas têm dupla cidadania, uma no reino da saúde e outra no reino da doença.”
Susan Sontag. *A doença como metáfora*, p. 4.

Há muito que se diluiu, no meu corpo, a fronteira entre a doença e a poesia. Sou uma estátua de ópio, dor e versos. Sempre aquela febre, aquela dor dormente que me vai roendo devagarinho a carne... e os versos que teimam em sepultar-se na raiz da alma, não querem sair, por mais que tente, escondem-se, encolhem-se como feras assustadas....: “Sossegai, esfriai, olhos febris” (PESSANHA, 2017, p. 22). Não só os olhos, mas cada centímetro da minha pele arde, queima e depois enregela-se, “tenho sonhos cruéis na alma doente” (PESSANHA, 2017, p. 16). No chão, Arminho, o meu velho companheiro, solta um ganido suave, como tentasse, em vão, velar-me o sono ou os sonhos delirantes de ópio, da doença sem nome, do absoluto cansaço de estar vivo, de habitar um corpo que freme e lateja neste calor húmido, colado à pele, “porque a dor esta falta de harmonia”... (PESSANHA, 2017, p. 16). Dos farrapos do meu ser, só estes miseráveis versos teimosos, breves linhas que talvez fiquem no tempo, estátuas de palavras a perpetuar a vida que não tive, alimentadas pela doença, “dos meus ossos, o lume a extinguir-se em breve” (PESSANHA, 2017, p. 24).

Já nem o nome dela recordo, apenas o cheiro adocicado do arroz, as formas lisas do seu corpo... numa fusão de cetim e seda, mas as linhas suaves do rosto e dos olhos rasgados diluíram-se na névoa da memória:

¹ Universidade de Macau, Taipa, Macau, China.

um vago espectro que me habitou a cama e os delírios, como outras, ao longo dos anos. O que os outros diziam nunca me importou. Na “Cidade do Santo Nome de Deus”, terra de areias movediças, as aparências iludem e a intriga não passa de uma serpente enroscada na árvore mais próxima, disposta a lançar-se sobre a primeira e incauta presa que desponte no caminho. A vida pode resumir-se a meia dúzia de versos mal rascunhados e a busca da pureza, da autenticidade nascem e morrem nua nuvem do meu cachimbo. Fiel e constante, sempre e só, Arminho, partilhando tudo, até a febre entontecida, o vício que me tolda a razão e me faz transpor o umbral do reino dos deuses, onde a poesia mora.

Nei Ngoi Long comprada a um corrector, Kuoc Ngan Yen, “Águia de Prata” ... onde estão?

Portugal, os cheiros que já esqueci, adormecidos na bainya saudade, cores esbatidas nas teias da memória: o azul do Tejo, o azul do céu... A mãe (“Ó minha pobre mãe!... Não te ergas mais da cova. / Olha a noite, olha o vento. Em ruína a casa nova / Dos meus ossos o lume a extinguir-se em breve”, PESSANHA, 2017, p. 24). O amor rejeitado de Ana de Castro Osório, um poço de sedução que me endoideceu num tempo remoto, numa era sepultada muito além da bruma de Macau...

Sim, a chama que me mantém vivo vai extinguir-se em breve. Não sei que idade tenho. Mas sei que a vida me consumiu como um fósforo. Bem cedo, tirei o passaporte para o reino da doença, esse país onde talhei os meus versos. Perenes, puros e intocáveis só eles, fermentados na dor do corpo e da alma. Será a poesia a doença ou a sua cura? Alguém os lerá amanhã? Viverei, por eles, no futuro, tudo o que o presente e o passado me negaram? Arrastei-me pelas esquinas da vida até às cinzas derradeiras, pelos becos de Macau na estranha lassidão de uma mão dormente. Eu e Arminho, magros, escanzelados, sombras de um passado que feneceu, nus, sem destino, há muito exilados do país da saúde, caminhamos pelas ruas de Macau como se levitássemos, “Sinto um vago receio prematuro. / Vou a medo na aresta do futuro, / Embebido em saudades do presente” (PESSANHA, 2017, p. 16).

Há tempos que falto às aulas. Não me lembro de quando foi a última...há dias? Meses? Anos? Ensinar também pode ser uma forma de poesia, acendendo o mistério da curiosidade no olhar ainda impoluto de cada aluno: olhos rasgados bebendo cada palavra. Deitado junto à secretária, o meu Arminho velava-me as lições. No início, causara medo.

Mas depois, todos se habituaram à sua presença. Se ouvia algum ruído anormal, erguia a cabeça em estado de alerta, sempre pronto a proteger-me de algum mal inesperado e secreto. Depois, mais tranquilo, estendia o focinho negro entre as patas e dormitava.

Agora, sem forças, sou só prisioneiro de um sonho, ou talvez, de um pesadelo vago. Na rosa-dos-ventos da vida, encontro o norte em cada verso, convertendo o delírio e a doença em poesia. Num derradeiro movimento de resistência contra o fim, ainda pergunto: “Quem poluiu, quem rasgou os meus lençóis de linho”...? A resposta, talvez seja dada, num longínquo amanhã, por quem cruzar o destino dos meus magros versos. Os lençóis de linho continuarão poluídos e manchados, além da dor, pelo vinho derramado no festim do quotidiano, da vida e do amor, além de todos os noturnos de Macau e do mundo.

REFERÊNCIAS

PESSANHA, Camilo. *Clepsydra*. Ed. Carlos Morais José. Macau: COD, 2017.

SONTAG, Susan. *A doença como metáfora*. Trad. Márcio Ramalho. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984.


Recebido em 29 de dezembro de 2021

Aprovado em 30 de dezembro de 2021

Dora Nunes Gago

Chefe do Departamento de Português da Universidade de Macau. Doutora em Línguas e Literaturas Românicas pela Universidade Nova de Lisboa. Foi pesquisadora de pós-doutorado na Universidade de Aveiro, com bolsa da FCT, e pesquisadora visitante na Universidade de Massachusetts, Amherst, EUA.

Contato: doragago@um.edu.mo

 <http://orcid.org/0000-0002-6300-1575>

A *Revista Desassossego* utiliza a **Licença Creative Commons Attribution** que permite o compartilhamento do trabalho com reconhecimento da autoria e publicação inicial neste veículo – **Attribution-NonCommercial-NoDerivates 4.0 International (CC BY-NC-ND 4.0)**, e reconhece que os Autores têm autorização prévia para assumirem contratos adicionais separadamente para distribuição não-exclusiva de versão dos seus trabalhos publicados, desde que fique explicitado o reconhecimento de sua autoria e a publicação inicial nesta revista.